

DIÁLOGO ENTRE EURICO ALVES E MANUEL BANDEIRA

Juraci Dórea

Na década de 30, um episódio chamou a atenção para o nome de Eurico Alves: o famoso diálogo poético com Manuel Bandeira. Sob o impacto da leitura do livro *Libertinagem*, de Bandeira, ele escreveu um poema, intitulado “Elegia para Manuel Bandeira”, convidando o poeta pernambucano a visitar Feira de Santana. Sem o seu conhecimento, Carvalho Filho datilografou os versos e enviou para Bandeira, que respondeu com outro poema. “Eu estava operado no hospital, quando apareceram Carvalho e Godofredo Filho com a Escusa”, registrou Eurico Alves, em carta para sua filha Maria Eugenia Boaventura, datada de 1º de janeiro de 1969.

Nos anos 60, a “Escusa”, que já havia saído em livro, integrou uma antologia, organizada pelo próprio Bandeira, com o título de *Meus poemas preferidos*.

ELEGIA PARA MANUEL BANDEIRA

Eurico Alves

Estou tão longe da terra e tão perto do céu,
quando venho subir esta serra tão alta...

Serra de José das Itapororocas,
afogada no céu, quando a noite se despe
e crucificada no sol se o dia gargalha.
Estou no recanto da terra onde as mãos de mil virgens
tecem o céu de corolas para meu acalanto.
Perdi completamente a melancolia da cidade
e não tenho tristeza nos olhos
e espalho vibrações da minha força na paisagem.

Os bois escavam o chão para sentir o aroma da terra,
e é como se arranhassem um seio verde, moreno.

Manuel Bandeira, a subida da serra é um plágio da vida.
Poeta, me dê esta mão tão magra acostumada a bater nas teclas
da desumanizada máquina fria
e venha ver a vida da paisagem
onde o sol faz cócegas nos pulmões que passam
e enche a alma de gritos da madrugada.
Não desprezo os montes escavados
tal o meu romântico homônimo de Guerra Junqueiro.
Bebo leite aromático do candeial em flor
e sorvo a volúpia da manhã na cavalgada.
Visto os couros do vaqueiro
e na corrida do cavalo sinto o chão pequeno para a galopada.

Aqui come-se carne cheia de sangue, cheirando a sol.

Que poeta nada! Sou vaqueiro.

Manuel Bandeira, todo tabaréu traz a manhã nascendo nos olhos
e sabe de um grito atemorizar o sol.

Feira de Santana! Alegria!

Alegria nas estradas, que são convites para a vida na vaquejada,
alegria nos currais de cheiro sadio,
alegria masculina nas vaquejadas, que levam para a vida
e arrastam também para a morte!

Alegria de ser bruto e ter terra nas mãos selvagens!

Que lindo poema cor de mel esta alvorada!

A manhã veio deitar-se sobre o sempre verde.

Manuel Bandeira, dê um pulo a Feira de Santana
e venha comer pirão com carne assada de volta do curral
e venha sentir o perfume de eternidade que há nestas casas

[de fazenda,

nestes solares que os séculos escondem nos cabelos

[desnatrados das noites

eternas venha ver como o céu aqui é céu de verdade
e o tabaréu como até se parece com Nosso Senhor.

ESCUSA

Manuel Bandeira

Eurico Alves, poeta baiano,
Salpicado de orvalho, leite cru e tenro cocô de cabrito,
Sinto muito, mas não posso ir a Feira de Sant'Ana.

Sou poeta da cidade.
Meus pulmões viraram máquinas inumanas e aprenderam
[a respirar o gás carbônico das salas de cinema.
Como o pão que o diabo amassou.
Bebo leite de lata.
Falo com A., que é ladrão.
Aperto a mão de B., que é assassino.
Há anos que não vejo romper o sol, que não lavo os olhos
[nas cores das madrugadas.

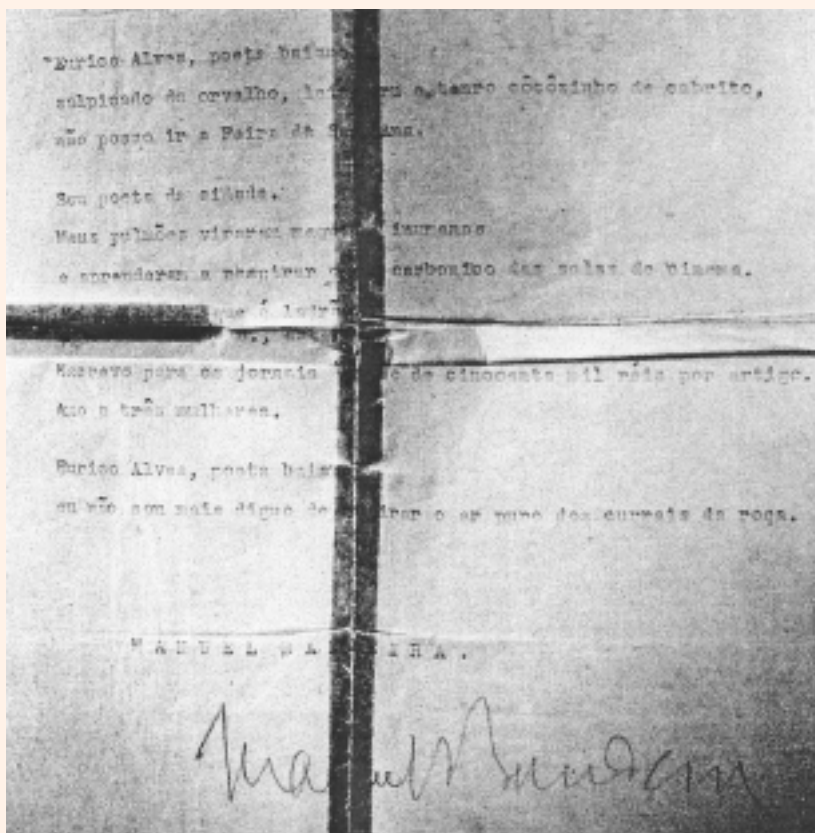
Eurico Alves, poeta baiano,
Não sou mais digno de respirar o ar puro dos currais
[da roça.





Rua Manuel Bandeira, em Feira de Santana.
Uma homenagem de Eurico Alves ao poeta pernambucano.





Original do poema "Escusa", fotografado em 1976, por Juraci Dórea. Acervo EAB.

Godofredo Filho, Eurico Alves e Carvalho Filho na Fazenda Fonte Nova. Foto Juraci Dórea

